

Desde aquele Primeiro Número

Eng. Luis Paulino

Saiu aquele primeiro número em Novembro de 1956. Número de Apresentação, assim chamado na própria capa.

A proposição introdutória foi escrita pelo Prof. Ferreira Dias. Viviam-se então, entre nós, momentos exaltantes da electrotecnia nacional e aquele artigo disso dava testemunho. Com clarividência, propunha-se "uma publicação regular, que expusesse com continuidade as doutrinas, os estudos e as obras que dão alma e corpo à nossa lida electrificadora". Para tal seria então criada "uma revista da electricidade portuguesa - que os progressos desta parecia permitirem e a sua divulgação aconselhar". Dois nomes prestigiosos se salientavam a liderar a ideia: Ferreira Dias e Paulo de Barros.

A electrificação nacional, então prosseguida com afã, tudo impulsionava: novas e grandes barragens, centrais, subestações, linhas, postos, tracção eléctrica, desenvolvimento de novas indústrias (químicas, electrotécnicas, metalomecânicas), novos estudos e projectos, sonhos... e até, como se via, publicações técnicas.

O novo ambiente, a inevitabilidade dos progressos esperados, haviam sido já pressentidos pela juventude do país tempos antes, ainda durante os anos da guerra - pelas enormes carências, nomeadamente energéticas, então suportadas. Foi também por essa altura (1942 se me não falha a memória) que se viram discutir, com enorme interesse, novas leis para a nossa electrificação e industrialização, sob larga repercussão e anuência nacionais, a meu sentir.

Daí que nos anos post conflito se tivessem visto engrossar substancialmente as hostes dos cursos de

engenharia então existentes (Técnico e FEUP) com larga subida relativa dos cadidatos a Electrotecnia.

A esperança instalara-se na mente dos jovens da altura. E não eram apenas as futuras possibilidades de melhores colocações e níveis de vida assim prometidos que influenciavam os espíritos, mas também, e principalmente estou certo, vontade anímica, patriótica, de ver o país sair do atraso; de o ajudar a avançar; de participar nessa marcha que se queria inevitável.

A revista "*Electricidade*" cai assim, anos após, no contexto propício daquela anterior geração juvenil, então já a trabalhar e pronta para a sua aceitação. Seria mesmo, para ela, o corolário lógico, necessário, de tudo que se estava construindo. Ainda muito no começo, é certo, mas já com bastante para contar. Como veio a verificar-se logo de seguida.

Depois, com impressionante regularidade, primeiro a quatro números anuais, em seguida a seis, mais tarde a onze, desenvolveu-se a vida da "*Electricidade*"... com nível variado, é certo, reflectindo afinal os nossos próprios níveis, mas sempre com dignidade.

A história da "electricidade portuguesa" dos últimos 40 anos, e até a anterior, lá se encontra retratada na "*Electricidade* revista" - como pretenderam os fundadores... Esfolheie-se a colecção e avalie-se o enorme acervo abarcado.

Verifique-se ainda a patente e bem manifesta disposição que nela há de continuar, de renovar, de experimentar, de suceder...

E, por tudo isso, pela minha parte, concluo: **missão cumprida.**

Mas missão que não se esgotou. Nem se esgotará jamais...

«A apresentação desta revista técnica, a enumeração das razões que justificam a sua existência, a resenha das causas que levaram a criá-la — quer as remotas, anseios recalcados nos corações de todos os técnicos portugueses, quer as de agora, emergidas à tona de conversas ocasionais havidas no decorrer da Conferência Mundial de Energia, realizada em Petrópolis, em 1954, — fá-las, com o costumado esmero, o Prof. Ferreira Dias.

Não podia a Revista ter melhor introdutor. Todos nós sabemos o muito que Portugal deve ao Prof. Ferreira Dias: a formação de alunos de qualidade, seus discípulos, no Instituto Superior Técnico; a estruturação que tornou possível a série de realizações marcantes — tanto no campo da electrificação como no da industrialização —, que temos tido a alegria de ver, continuamente, sucederem-se entre nós. A Revista «ELECTRICIDADE» é ainda uma outra obra sua, cuja progenitura compartilha com o Engº Paulo de Barros.

Apresentá-la foi, portanto, cometimento a que não pôde furtar-se: representaria para si a perda de um prazer e para com as Empresas associadas em «EDEL» uma falta ao reconhecimento a que têm jus, e que seria dificilmente perdoada».

José Pinto Machado
ELECTRICIDADE, Nº 0, Nov. 1956